

Os sentidos do trabalho no Jardim Botânico de Porto Alegre

Denise DE SOUZA¹

Luciene Jung DE CAMPOS²

Resumo: O tema deste estudo é a relação sujeito, trabalho e turismo. Tem por objetivo analisar a construção de sentidos sobre o trabalho no Jardim Botânico de Porto Alegre (JBPOA), sob a ótica do trabalhador, na sua relação com o Turismo. Os jardins botânicos são locais de possibilidade turística e o de Porto Alegre é considerado um “atrativo turístico” pela Secretaria de Turismo do Município. O presente artigo é parte de pesquisa realizada em dissertação do Mestrado em Turismo e Hospitalidade, junto ao Projeto de Pesquisa: Educação Patrimonial e a Prática Turística Qualificada: O Jardim Botânico de Porto Alegre, RS. O conceito de trabalho e a relação do trabalhador com seu trabalho ancoram-se na abordagem teórica de Christophe Dejours. O dispositivo teórico-metodológico de análise é o da Análise de Discurso Francesa, que através da linguagem, opera um recorte nas entrevistas semi-estruturadas com os trabalhadores, através de SDs (Sequências Discursivas). As SDs permitem interpretar a relação desses trabalhadores com seu espaço de trabalho que recebe visitantes para lazer e pesquisa.

Palavras-chave: Trabalho. Turismo. Jardim Botânico. Análise do Discurso.

Introdução

Este estudo analisa como as relações de trabalho se estabelecem pelo olhar do trabalhador da Fundação Zoobotânica, atuante no espaço do Jardim Botânico de Porto Alegre. Ocorre a partir da construção do sentido para o sujeito, pois identificando as tarefas prescritas e as tarefas possíveis, surgem sentidos e as formas de inscrição desse sujeito, em seu local de trabalho, um espaço que recebe visitantes para lazer e pesquisa. Utiliza-se no estudo, a Análise do Discurso como dispositivo teórico analítico para realização das análises através da fala do trabalhador entrevistado, mobilizando conceitos na Psicodinâmica do Trabalho.

O turismo, por tratar-se de um fenômeno que ocorre através da interação de pessoas com os espaços, sofre influência de fatores que também não são identificados em primeiro contato, pois o que foi “dito” pelo sujeito parte de um lugar anterior à fala. A relação dos temas pode ser também contextualizada pela possibilidade turística do local, por ser considerado trabalhador em local de possibilidade turística.

Em relação ao Trabalho, ele está presente no cotidiano das pessoas, inserido como uma necessidade para além da sobrevivência, ocupa grande parte do tempo dos trabalhadores brasileiros. Portanto, um aspecto relevante como objeto de estudo, que seja considerado para além dos interesses das instituições, ou considerado para obter-se maior lucratividade ou maior produtividade em seu trabalho, considera-lo como sujeito, que sente, que sofre e que precisa de vias de descarga para o sofrimento. Heloani e Lancman (2004, p. 77), reforçam as diferentes dimensões do trabalho, quando afirmam que “O trabalho é mais

¹ Turismóloga. Mestranda na Universidade de Caxias do Sul . des1301@gmail.com

² Doutora. Professora do PPGTUR/UCS. ljungdecampos@gmail.com

do que o ato de trabalhar ou de vender sua força de trabalho em busca de remuneração. Há também uma remuneração social pelo trabalho, ou seja, o trabalho enquanto fator de pertinência a grupos e a certos direitos sociais”. Demonstrando assim que não se resume ao fato de compensação financeira e influenciando na inserção do sujeito na sociedade. “O trabalho possui, ainda, uma função psíquica, enquanto um dos grandes alicerces da constituição do sujeito e da sua rede de significados (Heloani & Lancman, 2004 p.77)”. Não é possível ir até o local de trabalho, fazer o que lhe é determinado, sem gerar o que Christophe Dejours define como “carga psíquica” e sem interferências da tarefa no sujeito que se confronta com ela em seu dia-a-dia. Dejours; Abdoucheli e Jayet (1994, p.129) afirmam que “para que a curiosidade fundamental do sujeito seja solicitada e ativada pelo encontro com a situação de trabalho, é necessário que a tarefa tenha um sentido para o sujeito, tendo em vista sua história singular”.

Para Dejours (2004, p.28), “o trabalho sempre coloca à prova a subjetividade, da qual esta última sai acrescentada, enaltecida, ou ao contrário, diminuída, mortificada”. Não é o simples ato de ir, cumprir tarefas e retornar ao seu lar, como se fosse possível um desligamento total de seu dia de trabalho, com isso não limitando o trabalho apenas como uma atividade; “ele é, também, uma forma de relação social, o que significa que ele se desdobra em um mundo humano caracterizado por relações de desigualdade, de poder e de dominação” (Dejours, 2004, p.31). Uma continuação das relações humanas, “trabalhar é engajar sua subjetividade num mundo hierarquizado, ordenado e coercitivo, perpassado pela luta para a dominação (Dejours, 2004, p. 31)”, com as repressões e divisões de classes existentes em todos os contextos da sociedade. Essa relação social reflete no turismo por trata-se de atividade que envolve pessoas, onde as relações de desigualdade, poder e dominação estão também podem ser refletidas em relações de trabalhador e visitante, trabalhador e local de trabalho, trabalhador e demais trabalhadores da mesma instituição.

São diferentes os conceitos disponíveis no meio acadêmico que caracterizam o que é considerado turismo. Entretanto, optou-se por adotar neste estudo exclusivamente o conceito de turismo cidadão. A escolha foi feita pelo reconhecimento do local como uma possibilidade turística para os residentes da cidade de Porto Alegre e proximidades, que em sua grande maioria, são os visitantes do jardim de acordo com pesquisas realizadas pela Fundação Zoobotânica -FZB (2014). Os números mais recentes contabilizados, de visitação em relação ao Jardim Botânico de Porto Alegre, mostram que no ano de 2013, o Jardim recebeu mais de 70 mil visitantes (FZB, 2014). Um número significativo e que demanda trabalho para atendimento e manutenção das estruturas do espaço. O local, além de ser um importante espaço de conservação da biodiversidade, está identificado pela Secretária de Turismo (2014) como um dos pontos turísticos da cidade e a relevância social em estudar um espaço destinado a tal atividade é justamente o de estimular o interesse dos visitantes a utilizar estes espaços como áreas de lazer.

Gastal e Moesch (2007, p.70), colocam que “[...] o cidadão morador necessita estranhar sua visão da cidade, a fim de promover um re-olhar resultante do conhecimento absorvido”, o jardim botânico pode ser este espaço de estranhamento dentro da cidade,

com a possibilidade de transformação de seu conhecimento a partir de um re-olhar. O turista cidadão é o que vai ao encontro do local de estudo desta pesquisa, espaço existente para a preservação e o lazer e sem finalidades de obtenção de lucros. A cidadania atrelada ao turismo, em busca de novas posturas coletivas de experiências turísticas que valorizem a hospitalidade entre os próprios moradores do local, vizinhos atentos ao patrimônio natural e cultural de sua cidade (Gastal & Moesch, 2007). Os jardins são locais de possibilidade turística de destaque em algumas cidades do mundo, são reconhecidos pela atratividade e valor histórico. Conell (2004) realizou estudo sobre os jardins da Grã-Bretanha, onde os jardins são locais tradicionais e diferenciados, além de valorizados pela população local, recebendo mais de 16 milhões de visitantes por ano, e descreve que os jardins abertos ao público, apesar de serem locais populares, têm sido negligenciados pelas pesquisas nas ciências sociais e principalmente pelos pesquisadores da área do turismo e lazer.

No Brasil, os jardins botânicos também estão ampliando suas atividades para possibilitar aprendizado, através de atividades culturais e sociais. O Jardim Botânico do Rio de Janeiro- IPJBRJ, é um dos principais em número de recebimento de turistas, aproximadamente 600 mil visitantes por ano (Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro-IPJBRJ, 2008). Jardins Botânicos estão evidenciados como “atrativo turístico” na classificação de Beni (2008, p. 341), onde o mesmo refere-se aos jardins como “espaços destinados à conservação e multiplicação de espécimes vegetais, visando sua preservação e a visita pública”. O Plano diretor do Jardim Botânico de Porto Alegre, descreve o interesse de pessoas de outros países quando a motivação da visita é para pesquisa, na busca por conhecer a flora local, já que o Brasil é reconhecido pela diversidade biológica do mundo. Enquanto “o visitante local, busca por uma área de lazer, de convívio com a natureza e para realização de trilhas e caminhadas” (FZB, 2004, p.31).

Jardim botânico de Porto Alegre

A Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul (FZB) é o órgão responsável pela administração e manutenção do Jardim Botânico de Porto Alegre, e também o Jardim Zoológico e o Museu de Ciências Naturais, atuando nas áreas de pesquisa, educação ambiental, conservação e lazer (Fundação Zoobotânica- FZB, 2014). Além disso, “é detentora de coleções científicas de plantas e animais, atuais e fósseis, que subsidiam pesquisas realizadas por especialistas do Brasil e do exterior” (FZB, 2014). Instituição criada em 1972, através de determinação da Lei 6.497 (Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, 2012), com o objetivo de “manter e administrar áreas destinadas à proteção e preservação da flora e da fauna e outros recursos naturais”. A referida Lei dispõe que a entidade, “pode desenvolver através de convênio com entidades públicas e privadas, atividades científicas, culturais, recreativas e turísticas”, o que coloca a importância da utilização do espaço como possibilidade turística. Atualmente, o Jardim Botânico de Porto Alegre (JBPOA), está entre uns dos 5 principais em destaque no Brasil devido à importância de sua coleção de espécies (FZB, 2014). O documento que norteou a criação do JBPOA, identifica como objetivos da instituição sua afirmação como Unidade de Conservação interna, salientando que não se

trata somente de um parque de lazer, ou praça, mas de espaço educativo e de pesquisa, a organização dos setores da instituição expondo que objetivam torna-la eficiente através da padronização de atividades, sistematização, controles, otimização do uso dos recursos disponíveis e projeção necessidades e metas de curto, médio e longo prazo (FZB,2004).

Os sentidos do trabalho

Para pensar a construção de sentidos, o embasamento vêm da Análise do Discurso. Ferreira (2001 p. 21), refere-se ao sentido como “a expressão que não existe em si mesmo, só pode ser constituído em referência às condições de produção de um determinado enunciado, uma vez que muda de acordo com a formação ideológica de quem o (re)produz.” Ou seja, não há um sentido único, pois este é atribuído pelo sujeito que enuncia, em razão da sua ideologia e do lugar de sua fala, em razão dos discursos que o constituíram. “Atravessado pela linguagem e pela história sob o modo do imaginário, o sujeito só tem acesso a parte do que diz” (Orlandi, 2001, p.48). Este sujeito é assim “determinado, pois se não sofrer efeito do simbólico, ou seja se ele não se submeter a língua e a história ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos” (Idem, p.49). “O sentido nunca é dado, ele não existe como produto acabado, resultado de uma possível transparência da língua, mas está sempre em curso, é movente e se produz dentro de uma determinação histórico-social, daí a necessidade de se falar em efeitos de sentido” (Ferreira, 2001, p. 21).

O que dizemos não é simplesmente dito em vão de forma aleatória, nossa expressão possui sentidos que às vezes não nos damos conta. Orlandi (2001, p. 20) expressa como “sentidos que não sabemos como se constituíram e que, no entanto significam em nós e para nós”. O que dizemos, tem um sentido construído em nós mesmos, que se relaciona com o inconsciente e que pode ser diferente do sentido que o que dissemos tem para nós mesmos, pois não estão explícitos a nós, estavam no sujeito antes de serem expostos. “O sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas (Orlandi, 2001, p.42)”. As palavras estão inscritas nas formações ideológicas e os sentidos resultam disso, sentidos são determinados ideologicamente.

A Ideologia é compreendida no presente estudo, como aquela exposta por Orlandi (2001, p. 46) como a que “faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer”. “A ideologia não é a ocultação, mas função da relação necessária entre linguagem e mundo” (Orlandi, 2001, p. 47).

O conceito de sujeito, para este estudo é o utilizado em estudos de análise do discurso, que de acordo com Ferreira (2001, p.21), “é o resultado da relação com a linguagem e a história”, “...constituído a partir da relação com o outro, nunca sendo fonte única do sentido, tampouco elemento onde se origina o discurso”. Orlandi (2001, p.34), afirma que de tudo o que este sujeito diz somente uma parte é acessível ao mesmo, “pois o que ele não diz (e que até desconhece), significa em suas palavras”. O que é dito pode ser elaborado em

falas rápidas e aparentemente descompromissadas, mas são carregados de sentidos que a ideologia constituiu.

A Análise do Discurso (AD) é o dispositivo teórico que não se refere à língua ou a gramática e sim do discurso como palavra em movimento, observa o sujeito falando e a relação entre língua e ideologia, como a língua produz sentidos para os sujeitos (Orlandi, 2001). Nos estudos discursivos “não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura, mas sobretudo como acontecimento” (Orlandi, 2001, p.19). “O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua” (p.32). É composta por três áreas do conhecimento: Psicanálise, Marxismo e Linguística. “Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele” (Orlandi, 2001, p. 20).

Na AD, o imaginário é considerado parte do funcionamento da linguagem, não surge do nada e está sustentado nas relações sociais que estão inseridas na história, e são orientadas pelas relações de poder encontradas em nossa sociedade (Orlandi, 2001). A composição da Análise do Discurso oferece mais do que uma ferramenta para analisar a construção de sentido do que é dito, mas uma posição do que é dito em determinado discurso e os sentidos disso perante um contexto histórico dentro de seus conceitos.

A abordagem teórica dejouriana é o suporte teórico escolhido para analisar sentidos do trabalho, a abordagem é o que Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994, p.120) definem como uma “análise dinâmica dos processos psíquicos mobilizados pela confrontação do sujeito com a realidade do trabalho”, que envolvem fatores e consequências que em muito não são consideradas pelas organizações. Os autores explicam a construção dos sentidos que reflete nas relações sociais, quando afirmam que “[...] o sujeito pensa sua relação com o trabalho produz interpretações de sua situação e de suas condições, socializa essas últimas em atos intersubjetivos, reage e organiza-se mentalmente, afetiva e fisicamente, em função de suas interpretações, age, enfim, sobre o próprio processo de trabalho” contribuindo na construção (Dejours, Abdoucheli e Jayet, 1994, p.140). Os autores expõem os reflexos das atuais divisões do trabalho “a divisão das tarefas e o modo operatório incitam o sentido e o interesse do trabalho para o sujeito, enquanto a divisão de homens solicita, sobretudo as relações entre pessoas e mobiliza os investimentos afetivos, o amor e o ódio, a amizade, a solidariedade, a confiança etc” (Dejours, Abdoucheli e Jayet 1994, p.5), a carga psíquica e o trabalho portanto, caminham lado-a-lado. A carga psíquica surge a partir do bloqueio da relação com a organização do trabalho, e o que a define são as vivências do trabalhador, no entanto, “não é possível quantificar uma vivência, que é em primeiro lugar e antes de tudo qualitativa. O prazer, a satisfação, a frustração, a agressividade, dificilmente se deixam dominar por números” (Dejours, Abdoucheli e Jayet, 1994, p.22).

Se as vivências não podem ser quantificadas, por serem subjetivas, isso não as remete ao campo de insignificância, bem pelo contrário, precisam ser consideradas e não negligenciadas. “O organismo do trabalhador não é um “motor humano” (Dejours,

Abdoucheli e Jayet, 1994, p.24). Até porque, é preciso considerar que “o trabalhador não chega a seu local de trabalho como uma máquina nova” mesmo que junto à pós-modernidade, tenha se desenvolvido cada vez mais o pensamento de máquina como substituição do trabalho humano. O ser humano, o sujeito que chega ao trabalho não é desprovido do que o engendrou até o momento e possuem vias de descarga de sua energia, a excitação, que quando se acumula, é a origem de uma vivência de tensão: a tensão psíquica. As vias de descarga podem ser via psíquica, via motora ou via visceral e os indivíduos produzem fantasmas agressivos, que seriam as representações mentais que podem ser suficientes para descarregar a tensão psíquica. (Idem, 1994). Os autores, utilizando-se da Psicanálise de Freud, afirmam que “a produção de fantasmas é consumidora de energia pulsional” (Ibidem, 1994). Mas outros sujeitos podem não obter a descarga psíquica dessa forma, precisando utilizar-se de sua musculatura, através de crises de raiva, atuação agressiva, violência. Quando a energia pulsional não pode ser descarregada de outras formas se não pelo sistema nervoso autônomo, surge o desordenamento das funções somáticas e conseqüentemente, o sofrimento do trabalhador (Dejours, Abdoucheli e Jayet, 1994).

O trabalho portanto, pode colocar em jogo a subjetividade do trabalhador, fazendo muitas vezes, desaparecer o sujeito como autor do seu gesto. Além do tempo de trabalho oficial pelo qual o trabalhador foi contratado, Dejours (1987, p. 45), destaca um importante aspecto a este estudo, que é o uso do tempo fora do trabalho, afirmando que o mesmo não traz para todos “as vantagens que poderíamos esperar”. O autor destaca o custo financeiro das atividades fora do trabalho (ligadas ao esporte, cultura e formação profissional) e do tempo que ocupam as atividades domésticas, os deslocamentos obrigatórios, dificultando assim as possibilidades do trabalhador organizar seu lazer de acordo com o que deseja e necessita.

A forma como a organização do trabalho determina o trabalho sem considerar individualmente, é exposta por Abrahão e Torres (2004, p.68), quando traz a influência da mesma no planejamento, na execução e na avaliação, afirmando que essa organização “prescreve normas e parâmetros que determinam quem vai fazer, o que vai ser feito, como, quando e com que instrumentos, prazos, qualidade, enfim, constitui a “viga central” da produção”. Mas e os trabalhadores? Os tempos determinados são os mesmos para todos? O necessário ao cumprimento de atividades é o mesmo, serão todos capazes de realizar as mesmas atividades, ou considerar as particularidades do sujeito traria benefícios na execução? São nestas reflexões que a Abordagem teórica dejouriana contribui com o turismo, visando abrir aspectos do trabalho na relação dos trabalhadores de locais de possibilidade turística, na relação trabalhador e visitantes.

Aspectos metodológicos

O norteador da metodologia da presente pesquisa é o dispositivo teórico analítico da Análise do Discurso, contemplando a linguagem, o materialismo histórico e a psicanálise. A abordagem portanto é qualitativa, Pinto (2004, p. 74), expõe a característica da Metodologia

Qualitativa de Pesquisa em estudos que relacionam a Psicologia “considerando a ciência como uma construção da subjetividade humana em uma forma particular e dentro de um determinado sistema teórico”. “A epistemologia específica dessa maneira de investigar, parte do princípio que a própria investigação interfere no objeto a ser investigado, e por isso, não há neutralidade possível. A pesquisa está sempre associada à realidade e a subjetividade do pesquisador” (Pinto, 2004, p.74). A escolha foi feita por procedimentos teórico-metodológicos que contemplassem a subjetividade. O que justifica a opção pelo Dispositivo Teórico Analítico da Análise do Discurso (AD).

A AD é mais do que interpretação, passa pelos limites da interpretação e não procura um sentido único nessa interpretação, existe sim a presença do método e a construção de um dispositivo teórico, não busca verdades no texto e sim “gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender” (Orlandi, 2001, p. 26). Uma parte dessa interpretação é de responsabilidade do analista e uma parte é constituída pelo método e a abordagem teórica. Franco (2004, p.316), destaca um elo entre a abordagem teórica dejouriana e os discursos referindo-se à “sua fina capacidade de trabalhar com os distintos discursos dentro das organizações, fazendo sua re-leitura à luz da construção dos mecanismos de defesa dos agentes sociais ou como expressão da distinção entre o trabalho prescrito e o trabalho real”. O Jardineiro foi abordado durante a execução de seu trabalho, no mês de outubro de 2014 e as informações foram anotadas em Diário de Campo. Os diários são um "registro pessoal de eventos diários, observações e pensamentos" (Patterson, 2005, p.142). A entrevista, em formato semi-estruturado, foi elaborada partindo de questionamentos que integrassem o objetivo do estudo, para oferecer a possibilidade do entrevistado falar sobre seu local de trabalho e tarefas realizadas. No momento da abordagem, o jardineiro entrevistado estava cortando galhos de árvores. Foram dadas aos trabalhador explicações sobre o objetivo do estudo, após o aceite, os questionamentos foram feitos em um tom de conversa informal para que o mesmo não se sentisse acuado em falar sobre seu trabalho, que é algo pessoal para ser acessado por um estranho.

Após, foram selecionados trechos que evidenciavam sentidos do trabalho, frente aos conceitos pré-selecionados e as transcrições selecionadas foram organizadas em sequências discursivas (SD), enumeradas para que fossem analisadas sob a ótica da abordagem dejouriana e utilizando-se do dispositivo teórico analítico da Análise do Discurso. Orlandi (2001, p.27), afirma que “cada material de análise exige que seu analista, de acordo com a questão que formula, mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria, face a suas (outras) questões”. As análises dos fatos são diferentes porque são confrontadas com conceitos e um mesmo analista pode mobilizar conceitos diferentes dependendo do seu recorte (Orlandi, 2001).

É de responsabilidade do analista a construção do seu dispositivo analítico, se comprometendo a partir de sua prática de leitura e seu trabalho sua interpretação, na busca pela análise dos sentidos. Os discursos não são somente mensagens a serem decodificadas e sim efeitos dos sentidos que o analista deve seguir para compreende-los. Feitas as análises os fatos estarão disponíveis para que o analista interprete-os com seus instrumentos

teóricos “dos campos disciplinares nos quais se inscreve e de que partiu” (Orlandi, 2001, p. 28). Esta pesquisa não pressupõe totalidade nem amostras, mas um recorte, pois não há linearidade em pesquisa quando a mesma envolve a subjetividade.

Análise dos Fatos no Jardim Botânico de Porto Alegre

Na presente seção estão demonstradas as análises resultantes da entrevista realizada, a partir dos conceitos da Análise do Discurso e identificando sentidos no contexto ideológico em que o entrevistado se encontra em seu ambiente de trabalho.

A Psicodinâmica do Trabalho, em relação ao trabalho, coloca que enquanto trabalhador, o mundo interno do sujeito é transformado “trabalhar constitui, para a subjetividade, uma provação que a transforma. Trabalhar não é somente produzir; é, também, transformar a si mesmo e, no melhor dos casos, é uma ocasião oferecida à subjetividade para se testar, até mesmo para se realizar” (Dejours, 2004, p.30). O que pode ser evidenciado na SD1, quando questiona-se ao entrevistado, como foi trabalhar no Jardim Botânico de Porto Alegre e porque:

SD 1 - Eu vim porque eu gosto da função, benefícios bons, trabalhava em escritório, nos Correios e vivia estressado e via o trabalho dos jardineiros e imaginava, nossa que legal fazer isso, daí abriu concurso eu fiz, passei e daí larguei lá. Uni o que todo mundo procura (DIÁRIO DE CAMPO, 2014);

O “viver estressado” descrito pelo entrevistado, demonstra a carga psíquica em seu trabalho anterior e intenções de transformar sua realidade. A carga psíquica surge a partir do bloqueio da relação com a organização do trabalho, “quando o rearranjo não é mais possível, o sofrimento começa: a energia pulsional que não acha descarga no exercício do trabalho se acumula no aparelho psíquico, ocasionando sentimento de desprazer e tensão (Dejours; Abdoucheli e Jayet, 1994, p.29). Sobre a busca pelo prazer no trabalho, Dejours; Abdoucheli e Jayet (1994) acreditam que o prazer do trabalhador, em objetivo de seu bem estar em relação à carga psíquica, só ocorre quando não se opõe a livre atividade do aparelho psíquico. Havendo descarga da energia psíquica da tarefa o trabalho torna-se equilibrante. Outro aspecto importante a ser analisado na SD5, são as “condições de produção”, ou seja, o “contexto imediato” (Orlandi, 2001, p. 30), que no caso do jardineiro entrevistado é o fato de ver em seu trabalho no Jardim Botânico a oportunidade de fazer o que sente prazer e obter benefícios com isso. Já no “contexto em sentido amplo” (Orlandi, 2001, p.30), está o fato de ele ter trabalhado em outra instituição pública (Correios), onde afirma que vivia estressado, largando essa posição para “unir o que todo mundo procura”. Mas o que o trabalhador caracteriza como o que todo mundo procura?

Na sequência discursiva que segue, o jardineiro foi questionado em relação às possíveis diferenças entre as Instituições públicas que trabalhou, se percebia diferenças no reflexo dessas instituições em seu trabalho.

SD 2- Ah sim, a desorganização aqui é maior (DIÁRIO DE CAMPO, 2014);

Evidencia-se nessa SD, o “interdiscurso”, onde entra em cena a memória e aquilo que retorna sob a forma do pré-construído, aquilo que fala antes, em outro lugar e que se revela quando o entrevistado diz que em relação ao seu emprego anterior, “a desorganização aqui é maior”. Este já dito no trazer comparativo em relação ao trabalho anterior é fundamental para se compreender o discurso e “sua relação com os sujeitos e com a ideologia” (Orlandi, 2001, p. 32), bem como do “interdiscurso ou intradiscurso, ou entre a constituição do sentido e sua formulação” (Orlandi, 2001, p.32). Conforme ideia da autora, quando falamos, ficamos sob o domínio da ideologia e do inconsciente e o fazemos através de experiência simbólica e de mundo que nos transmitem a ideologia (Orlandi, 2001). Quando o trabalhador compara a situação atual sobre a desorganização na instituição que trabalha, com a situação anterior de trabalho, ele recorre a memória.

A observação de destaque foi à preparação dos trabalhadores para “arrumar a casa” para receber os visitantes, já que os finais de semana são os dias que recebem maior número de visitantes. Demonstrando a presença da “organização do trabalho”, mas também, que na diversidade de tarefas diárias, existe a possibilidade da fuga do trabalho repetitivo. Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994), abordam os aspectos negativos de um trabalho que o mesmo caracteriza como “taylorizado”, destacando que é tão rígida a organização dessa forma de trabalho, que acaba por invadir o tempo livre do trabalhador, seu tempo de lazer e que não considera a saúde mental do sujeito, mas sim a produtividade do mesmo. O trabalho descrito pelo Jardineiro foge a esse aspecto.

SD 3- Diversas tarefas, sexta é dia de organizar o parque para visitantes, segunda é dia de poda (DIÁRIO DE CAMPO, 2014);

A presença do visitante no dia-a-dia de trabalho do entrevistado foi abordada na entrevista, já que o local é reconhecido como espaço de lazer e apreciação da natureza, evidentemente que os visitantes fazem parte do dia-a-dia de trabalho. São eles que em grande parte apreciam ou depreciam o trabalho realizado. Quando algo está fora do funcionamento adequado, as críticas são recebidas pela instituição de modo geral, refletindo no trabalho de todos, assim como quando o elogio a manutenção dos espaços, ou ao bom atendimento, também refletem-se em termos de instituição como um reflexo do trabalho de todos. Por isso o visitante tem papel importante na realização das tarefas dos trabalhadores. Essa possível relação do trabalhador com o visitante foi retratada em pergunta que foi respondida da seguinte forma:

SD 4- Se me abordam eu sou simpático, eu acho que enxergam trabalhando sim, chama atenção um cara passando com um machado, por isso que eu ando de identificação sempre no pescoço, já que não tem uniforme (DIÁRIO DE CAMPO, 2014);

Tipos diferentes de visitantes, que buscam no espaço de contemplação da natureza, seu lazer, corroborando com o histórico de turismo nos jardins e com a utilização da natureza como produto. “Hoje, a natureza é mais um produto culturalizado e dilatado como mercadoria” (Gastal, 2013, p.126) Que pode ocorrer “na forma de ecoturismo, de jardins

botânicos e zoológicos, de produtos organicamente corretos, de objeto de estudos acadêmicos, de paisagismos ou mesmo na forma de paisagem” (Idem). O reconhecimento do trabalho do jardineiro algumas vezes virá por meio de elogios à paisagem do jardim, ou talvez por meio da contemplação do trabalho do jardineiro enquanto ele o executa. Pelo olhar do visitante que percebe o espaço como atrativo visualmente para fotografias, encontros, descanso da mente, ou para uma fuga dos meios tradicionais de lazer, fuga dos lugares massificados. Pelo turismo de massa representar uma opção padronizada, “as buscas por experiências personalizadas permitiram aos lugares e paisagens uma centralidade turística, à custa do que representam para o sujeito” (Silva, Carvalho e Tomás, 2013, p.632), proporcionando a possibilidade de experiências em “termos lúdicos, de bem-estar, sociais e sensoriais, mas também muito por causa das suas narrativas e simbologias intrínsecas e que constituem muitas vezes a causa do efeito” (Silva, Carvalho e Tomás, 2013, p.632). Os jardins botânicos permitem a vivência dessas experiências ao visitante, “o turista moderno redescobre, assim, aquilo que o artista sempre soube; é que as cores da natureza foram sempre para o homem aquelas que melhor se harmonizam com as profundidades da sua vida mental” (Castel-Branco, 2002, p. 9). Para que ocorra visitação no JBPOA,   preciso que o trabalho do jardineiro seja executado diariamente, não se resume a importancia de manter a grama cortada para que as pessoas possam caminhar pelos espaços e sim manter o cenário como um espaço de possibilidade turística, um espaço que foge da urbaniza o das grandes cidades e que permite vivências turísticas qualificadas.

Pode-se interligar essa rela o visitante e trabalhador como a necessidade do reconhecimento do trabalho como valida o social, como as condi es sociais elaboradas no espaço psíquico privado que devem deixar de ser confidenciais para a valida o: “o reconhecimento pela hierarquia e o reconhecimento pelos pares. Esses dois modos de reconhecimento não são equivalentes” (Dejours, Abdoucheli e Jayet, 2011, p.134). O primeiro   um reconhecimento da utilidade do trabalho e o segundo   um “reconhecimento de habilidade, de inteligência, de talento pessoal, de originalidade, até mesmo de beleza” (Idem). “O reconhecimento traz também um benefício no registro da identidade, isto  , naquilo que torna este trabalhador um sujeito único, sem igual. [...]   através do reconhecimento que se desenvolve o processo de mudança do objeto da pulsão, dentro da teoria de sublima o” (Dejours, Abdoucheli e Jayet, 2011, p. 135).

A abordagem do visitante ao jardineiro expõe aspectos da hospitalidade, pois de acordo com Grinover (2002, p.34), “oferecer e receber uma informa o   um mecanismo de hospitalidade”. Camargo (2007, p.3) reflexiona sobre o desejo de que o sujeito seja hospitaleiro, que pode diferir do real sentido da hospitalidade, quando afirma que “há uma diferença entre entender a hospitalidade como algo desejável que aconteça num encontro (no o adjetiva) e entendê-la como um conjunto de peripécias que sempre acontecem (no o substantiva)”. O autor complementa que “no primeiro caso, confunde-se um juízo de realidade, o fato (o que  ) e um juízo de valor (o que deve ser)” (Camargo, 2007, p.3). Foi questionado ao trabalhador, qual a rela o do mesmo com os demais trabalhadores:

SD 5- A gente se conhece, às vezes conversamos, se bem que eu não me ligo muito (DIÁRIO DE CAMPO, 2014);

Essas relações de trabalho, de acordo com a abordagem teórica dejouriana são “todos os laços humanos criados pela organização do trabalho: relações de hierarquia, com as chefias, com a supervisão, com os outros trabalhadores – e que são às vezes desagradáveis, até insuportáveis” (Dejours, 1987, p. 75). Na SD5, o entrevistado coloca uma forma de afirmar despreocupação com os demais trabalhadores, um isolamento das relações de trabalho entre os mesmos. Para Freud (1976, p.10) “contra o sofrimento que pode advir dos relacionamentos humanos, a defesa mais imediata é o isolamento voluntário, o manter-se à distância das outras pessoas”. Uma fuga da possibilidade de sofrimento a partir das relações de trabalho. Ainda Freud, traz aspectos históricos sobre a necessidade do outro para o desenvolvimento do trabalho.

Depois que o homem primevo descobriu que estava literalmente em suas mãos melhorar a sua sorte na Terra através do trabalho, não lhe pode ter sido indiferente que outro homem trabalhasse com ele ou contra ele. Esse outro homem adquiriu para ele o valor de um companheiro de trabalho, com quem era útil conviver (Freud, 1976 p. 23).

Freud (1976) acreditava que a civilização realiza um processo de combinação de indivíduos humanos isolados, depois famílias e, depois ainda, raças, povos e nações numa única grande unidade, a unidade da humanidade. Entretanto, expõem que “A necessidade, as vantagens do trabalho em comum, por si só, não as manterão unidas”. Explicando que “o natural instinto agressivo do homem, a hostilidade de cada um contra todos e a de todos contra cada um, se opõe a esse programa da civilização” (Freud, 1976, p. 35).

Será que o jardineiro deseja ser hospitaleiro? Os jardineiros conhecem o significado de sua presença no JBPOA? O sentido de seu trabalho para a visita ao jardim? É importante que os trabalhadores possam ver seu trabalho como um trabalho para o turismo. Reconheçam dentre suas tarefas, sua importância que está muito além da manutenção do espaço, ser capaz de considerar os fluxos, a partir do turismo, “não só aprofundar laços com a cultura do lugar onde se vive, como vê-lo como espaço qualificado inclusive, para auto-expressão, na qual se somam identidade e identificação” (Gastal, 2006 p.12).

Conclusão

O Jardineiro não trabalha com um produto qualquer, a natureza é seu “produto de trabalho”, ele interfere para ajuda-la a desenvolver, o cenário que ele estará criando, com finalidade de preservação, será posteriormente visitado, apreciado e acabará por transmitir sentimentos aos visitantes. Pode partir daí o reconhecimento de que as tarefas reais não são possíveis a todos e que a simplificação do trabalho do jardineiro, é um sentido do trabalho realizado pelo jardineiro. Assim como não corresponde à realidade do trabalhador do turismo, que prepara-se para o bem receber, além de todas as demais tarefas que precisa executar em sua função.

Espera-se que o estudo, a partir do aprofundamento do que foi dito pelo trabalhador entrevistado, demonstrando os sentidos identificados, venha a auxiliar na reflexão sobre a situação do trabalhador do turismo, considerando-o como sujeito e não somente como parte de estudos sobre as organizações ou instituições, como meios de serem mais produtivas, ou mais rentáveis, evidenciando suas situações de trabalho independentemente da área do turismo em que atua, estudos que mostrem os olhares do trabalhador e sua importância para a atividade turística. Analisando as relações de trabalho e buscando perceber as tarefas prescritas e as tarefas possíveis dos sujeitos de grande relevância no turismo, os trabalhadores.

Referências

Abrahão, J.I. & Torres, C.C.(2004). Entre a organização do trabalho e o sofrimento: o papel de mediação da atividade. *Revista Produção*, v. 14 (n.3), p.67-76.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO SUL. Lei 14.187, de 31 de dezembro de 2012. Institui o plano de empregos, funções e salários e cria empregos permanentes e os empregos e funções em comissão da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul e dá outras providências. Assembléia Legislativa, Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/14.187.pdf> . Acesso em: 10 set 2014.

Beni, M. (2008). *Análise estrutural do Turismo*. 13. ed. São Paulo: Senac.

Camargo, L.O.L. (2007). A pesquisa em Hospitalidade. *Anais do Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, p.1-24.

Castel-Branco, C. *et al.* (2002): *Jardins Históricos, Poesia atrás dos Muros*. Coleção Símbolos e Testemunhos Portugueses. Edições Inapa, Lisboa.

Conell, J. (2004). The purest of human pleasures: the characteristics and motivations of garden visitors in Great Britain. *Tourism Management*, v. 19 (n.25), p. 229–247.

Dejours, C. (2004). Subjetividade, Trabalho e Ação. *Revista Produção*, v. 14 (n. 3), p. 027-034.

Dejours, C. (1987). *A loucura do trabalho*. (2a ed.). São Paulo: Cortez.

Dejours, C., Abdoucheli, E. & Jayet, C. (1994) *Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da escola Dejouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho*. São Paulo: Atlas.

Ferreira, M. C. L. (Org). (2001). Glossário de Termos do Discurso: Projeto de Pesquisa. In: *A aventura do texto na perspectiva da Teoria do Discurso: a posição do leitor-autor (1997-2001)*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Franco, T. (2004). A centralidade do trabalho na visão da Psicodinâmica de Dejours. *Caderno CRH*, v.17 (n.41), p.309-321.

Freud, Sigmund. (1976). Mal-Estar na civilização (1930[1929]). In: *Obras Psicológicas Completas, V. XXI. Rio de Janeiro*: Imago.

Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul (2014). *Plano Diretor do Jardim Botânico de Porto Alegre*. Porto Alegre, RS, (Publicações avulsas da FZB).

Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul (2004). *Jardim Botânico de Porto Alegre: 50 anos conservando a flora gaúcha*. Porto Alegre, RS, (Publicações avulsas da FZB).

Grinover, L. (2002). Hospitalidade: um tema a ser reestudado e pesquisado. In: Dias, C. M. M. (Org.). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. Barueri: Manole.

Gastal, S. (2013). *Imagem, Paisagem e Turismo: a construção do olhar romântico*. *Revista Pasos*, v.11, (n.3), p.123-133.

- Gastal, S. (2006). *Turista Cidadão: uma contribuição ao estudo da Cidadania no Brasil*. Trabalho apresentado no Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, UnB.
- Gastal, S & Moesch, M. (2007). *Turismo, políticas públicas e cidadania*. São Paulo: Aleph.
- Heloani, R. & Lancman, S. (2004). Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação. *Revista Produção*, v. 14, (n. 3), p. 077-086.
- Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro (2014). – Jardim Botânico do Rio de Janeiro:1808-2008. (2014). Rio de Janeiro, RJ. <<http://www.jbrj.gov.br/publicações>>. Recuperado em: 21 abr.
- Marx, K. (1982). *Trabalho Assalariado e Capital*. Edição em Português da Editorial Avante.
- Orlandi, E.P. (2001). *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.
- Patterson, A. (2005) Processes, relationships, settings, products and consumers: the case for qualitative diary research. *Qualitative Market Research: an International Journal*, v. 8, n. 2, p. 142-156.
- Pinto, E.B. (2004) A pesquisa qualitativa em Psicologia Clínica. *Revista Psicologia USP*. v.15, (n.1-2), p.71-80.
- Secretaria Municipal de Turismo de Porto Alegre. (2014). Porto Alegre. <http://www.portoalegre.travel/site/home.php>> Recuperado em: 1 de abril de 2014.
- Silva, S; Carvalho, P; Tomás, P.M.C. (2013). *Os jardins no contexto do turismo pós-moderno: o caso de Portugal*. *Revista Pasos*, v.11, (n.4), p.631-647.